

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

A MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ

Aline Silva Szamszoryk Fierro Davi

SÃO PAULO
2021

Aline Silva Szamszoryk Fierro Davi

A MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final no curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof.^a Dra. Analzira Pereira do Nascimento

SÃO PAULO
2021

Davi, Aline Silva Szamszoryk Fierro

A missão da igreja na sociedade pós-cristã. / Aline Szamszoryk Fierro
Davi. – São Paulo : Faculdade Teológica Batista, 2021.

39 p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a
conclusão do Curso de Bacharel em Teologia

Orientadora: Analzira Pereira do Nascimento

1 Igreja e sociedade. 2 Pós-Cristianismo. 3. Modernidade. 4. Pós-
modernidade. 5. Humanismo. I. Título. II. Nascimento, Analzira Pereira do.

CDD 261.1

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Aline Silva Szamszoryk Fierro Davi

A MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Analzira Pereira do Nascimento – Orientadora

Prof. Me. André Anéas Oliveira - Leitor

SÃO PAULO
2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho *primeiramente a Deus* que me dirigiu, inspirou e sustentou ao longo do curso, provendo saúde física, emocional e os recursos financeiros necessários para a sua conclusão.

Ao meu esposo Angelo, que me incentivou a voltar para a sala de aula depois de tantos anos, mesmo quando eu não acreditava ser possível.

Aos meus pais: João e Regina, que desde cedo me ensinaram acerca do evangelho de Cristo e a importância de vivermos uma vida fundamentada nas verdades bíblicas.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelo cuidado, sabedoria e provisão.

Aos meus professores, que foram fonte de sabedoria e inspiração, contribuindo diretamente para minha formação.

Agradeço a meu esposo e melhor amigo, pela compreensão, e principalmente pelo incentivo e consolo nos momentos de cansaço e frustração.

Agradeço a minha igreja, Projeto 242/ IBMA 242, que ao longos dos últimos 10 anos tem sido uma grande referência para a pratica de uma vida missional.

Agradeço meus líderes, em especial ao meu pastor Sandro Baggio, cujo sermões profundos e comprometidos com as escrituras despertaram em mim o amor pela teologia.

A Missão Steiger, organização na qual venho servindo como missionária desde 2011, onde diariamente tenho sido desafiada a viver uma vida de busca a Deus, pregando a cruz de Cristo na esfera pública e discipulando uma juventude cada vez mais secularizada.

Agradeço ao meu líder na Steiger Brasil, Hudson Parente, pela paciência e apoio nos inúmeros momentos de completa ausência nas ultimas semanas que antecederam a entrega deste trabalho.

Agradeço a querida Analzira Nascimento, que aceitou participar da criação e do desenvolvimento deste trabalho, sendo fonte de sustento, incentivo e consolo, não apenas durante a realização deste, mas ao longo dos últimos 5 anos, a ela minha completa admiração e respeito.

Agradeço a cada pessoa que doou financeiramente ao longo destes 4 anos, tornando possível a minha permanência, e conclusão, deste curso.

E por fim, agradeço aos meu colegas de classe, foram quatro anos em que dividimos nossa paixão pela teologia, quatro anos em que fomos desafiados e que compartilhamos o crescimento no conhecimento da Palavra do nosso Deus.

Nosso objetivo como cristãos e ministros cristãos não é, jamais, simplesmente formar nossa própria tribo. Ao contrário, por meio de um movimento do evangelho liderado pelo Espírito Santo, buscamos a paz e a prosperidade da cidade ou da comunidade onde fomos colocados. KELLER (2014, p.296)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa propõe uma investigação sobre quais são as características que definem uma Igreja Missional no século 21. Examina qual o tipo de relacionamento que essa Igreja deve estabelecer com a cultura a fim de ser reconhecida por ela como organismo essencial e de amor. Para isso, busca aprimorar e aprofundar a compreensão dos termos: Cultura, Contextualização e Igreja Missional. Investiga a história do secularismo, explora como e onde se originaram os predominantes conceitos de modernidade; acompanha seu desenvolvimento e o surgimento dos primeiros pensadores que desconstruíram seus ideais criando um movimento contracultural denominado pós-modernidade. Movimento este que exerce grande influência na presente geração e fomentou a constituição de uma sociedade fortemente secularizada, pós cristã, que remove Deus do centro e coloca o homem em seu lugar. É neste cenário que a Igreja dos nossos dias luta para existir, para resistir, e por isso, a presente pesquisa apresenta possibilidades de atuação junto a essa cultura, ações alternativas que permitam a construção de pontes, de maneira tal que a Igreja seja notada e respeitada pela sua relevância, pela forma como serve a todos para o bem comum, refletindo o caráter de Cristo na esfera pública.

Palavras-chaves: Missão. Cultura. Igreja Missional. Relevância. Contextualização. Secularismo. Secular. Pós-Cristianismo. Modernidade. Pós-Modernidade. Humanismo.

SUMÁRIO

1. COMPREENDENDO A CULTURA PARA ENTENDER NOSSA MISSÃO.....	4
2. PARADIGMAS HISTÓRICOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE MISSÃO....	17
3. A CONFIGURAÇÃO DE UMA IGREJA EM MISSÃO NA ERA PÓS CRISTÃ.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa objetiva aprofundar o diálogo e identificar quais são os sinais que caracterizam uma Igreja relevante e contextualizada na cultura hoje.

Pretendemos ponderar sobre as características que definem essa Igreja ativa, em movimento, reconhecida como um organismo capaz de se adaptar a novos tempos e novas culturas sem perverter, ou ainda, sem se contaminar com a cultura reinante.

A sociedade do século 21 está imersa em um contexto “pós cristão”, que subsiste sob uma forte influência do secularismo, considerado atualmente como um sistema ético que não aceita a influência da fé, ou da devoção religiosa na esfera pública, ou seja, na sociedade secular religião e Estado caminham separados e possuem papéis distintos, na laicidade nenhuma fé religiosa possui privilégios junto às instituições governamentais e/ou culturais.

Esse sistema propõe para a fé cristã um grande desafio quanto a nossa forma de atuação e papel social na esfera pública, em consequência disso, muitas Igrejas vem se retirando do debate público e isolando-se da comunidade ao redor, transformando-se numa espécie de clube exclusivo guiado por um sistema dualista que frequentemente substitui a ordenança de irmos por todo o mundo por ações únicas, e exclusivamente, assistenciais.

Podemos notar como na presente era secular o sentido da vida, o sentimento de pertencimento, a esperança e a felicidade são entendidos e buscados no consumismo exagerado, na prosperidade econômica, no conforto material e na realização emocional momentânea.

Notamos portanto, que a cosmovisão secularista é incompatível com a cosmovisão cristã e está profundamente atrelada ao coração da atual geração, orientando sua maneira de perceber o mundo, moldando seus relacionamentos, sua forma de amar, suas escolhas com relação ao futuro e influenciando de maneira direta todas as áreas da sua vida.

Portanto, não consideramos prudente a redução da cosmovisão secularista a um aglomerado de suposições, ela é um estilo de vida enraizado na nossa cultura e na formação sociocultural contemporânea; por assim ser, torna-se um processo

muitas vezes sutil e que silenciosamente submete não apenas a mente do não cristão, mas também a da Igreja de forma geral, incluindo aqueles que vem atuando na esfera pública por meio de uma vida missional.

Por isso, propomos a partir da presente pesquisa uma melhor compreensão dos efeitos do secularismo na sociedade e na vida da Igreja, identificando o quanto o corpo de Cristo também é afetado pelos ideais desta cultura, e como replicamos seu comportamento individualista quando buscamos a satisfação dos nossos próprios desejos ao nos enclausuramos na proteção de nossas comunidades.

Trataremos ainda a definição dos termos: “cultura”, “contextualização” e “Igreja Missional”; Pós Cristianismo e a forma como devemos nos relacionar com a cultura além dos nossos muros.

Intencionamos provocar a reflexão sobre qual tipo de ponte temos estabelecido com os não cristãos; se temos, de fato, contribuído de forma expressiva nos debates e agendas da atual geração e como Cristo tem sido contemplado em nossa expressão de amor pelo pecador, pelos oprimidos e os marginalizados.

Visamos refletir sobre essa organização cristã denominada Igreja de Cristo, sua unidade e diversidade nos dias de hoje, ponderando sobre como nos mantermos fiéis ao propósito de Deus para o seu povo, de maneira tal, que a sociedade e a cultura ao nosso redor sejam profundamente impactadas pelas verdades práticas do evangelho.

Para isso refletiremos como o isolacionismo de evangélicos genuinamente alinhados com uma cosmovisão cristã na esfera pública, tem transformado a atuação da Igreja brasileira insuficiente em pautas que, sutilmente, o secularismo se apropriou.

Discorreremos sobre a nossa responsabilidade como membros deste corpo, que não foram chamados para viver segundo os próprios desejos, permeados por um ascetismo pseudo cristão que em nada reflete o caráter de Jesus, que amou os pecadores, andou com eles e por todos se entregou.

Pretendemos expandir o diálogo sobre o que define uma eclesiologia saudável e bíblica neste mundo caído, que seja uma resposta em graça e esperança em meio a uma cultura que a rodeia, a observa e inúmeras vezes a despreza.

Portanto, nossa hipótese de pesquisa é que a teologia, na qualidade de ciência, deve reconhecer a existência de uma comunidade cultural externa à Igreja, uma cultura contemporânea e global que não pode, e não deve, ser ignorada.

A igreja deve estar em contato com a cultura, entendendo os fundamentos que a norteiam para que ela mesma não seja influenciada e dominada pelos seus conceitos e padrões.

Para isso usaremos o método de pesquisa bibliográfica, buscando diligentemente direção e inspiração acerca do objeto de estudo, a saber, a Igreja.

1. COMPREENDENDO A CULTURA PARA ENTENDER NOSSA MISSÃO

Ao olharmos para este mundo identificado como pós-moderno notamos uma grande mudança acontecendo na cultura ocidental, Paul G. Hiebert inicia o oitavo capítulo de seu livro “Transformando Cosmovisões”, citando a seguinte frase de Peter Drucker:

A cada ciclo de poucas centenas de anos na história ocidental, ocorre uma transformação profunda. Atravessamos o que [...] tem sido chamado de “divisor”. Em poucas décadas, a sociedade se reorganiza - sua cosmovisão, seus valores básicos, sua estrutura política e social, suas artes e suas principais instituições. Cinquenta anos depois, há um novo mundo. Assim, as pessoas nascidas a partir de então não conseguem sequer imaginar o mundo em que seus avós viveram e em que seus próprios pais nasceram [...]. Estamos vivendo hoje essa transformação (DRUCKER *apud* HIEBERT, 2016, P.233)

Hiebert apresenta alguns temas que nos direcionam para uma maior percepção do contexto cultural atual, a partir da compreensão dos fundamentos da cosmovisão moderna e da cosmovisão da modernidade tardia ou pós-modernidade.

O autor inicia sua análise sobre a “cosmovisão moderna com a afirmação de que uma dessas grandes mudanças na história ocidental ocorreu no século 17” (HIEBERT, 2012, p.157) com a chegada da “ciência moderna” e da própria modernidade. Até este momento a sociedade ocidental era teísta, ou seja, havia unidade quanto ao pensamento de que toda a criação, os acontecimentos da vida pessoal e históricos estavam sob controle de um Deus pessoal, amoroso, que sustentava e protegia seus filhos.

Esse contexto começou a mudar a partir do século 13, para entendermos onde e como esse processo se inicia precisamos olhar para o retrovisor da história. O autor relaciona esse início ao retorno dos “peregrinos das cruzadas e dos eruditos que estudaram em universidades muçulmanas na Espanha” (HIEBERT, 2012, p.157), conforme Hiebert foram eles que introduziram as ideias de Aristóteles, Platão e Ptolomeu na Europa, foi também neste momento que as escolas das catedrais passaram a ser trocadas por universidades que indicariam um novo paradigma de compreensão do cosmos, que viria a se tornar a base da modernidade.

Neste novo paradigma a compreensão do mundo material não seria mais baseada na existência de um Deus criador sob o qual todo o universo estaria sujeito, mas passaria a acontecer por meio do uso da lógica e da fé na razão humana:

O Sacro Império Romano estava em declínio desde o final da Idade Média, mas foi a Revolução Francesa que abalou os fundamentos sagrados da história. O Estado secular surgiu com base no racionalismo e na vontade dos cidadãos. A vida pública era agora somente a esfera da razão e não tinha espaço para um Deus aparentemente incognoscível. A religião foi relegada para a esfera privada e vista como fruto da imaginação. Deus deixou de ser relevante para a vida pública. Surgiu uma filosofia da história rigidamente materialista e ateísta, que reduziu o espírito à matéria e questões morais a elaborações sociais definidas como progresso material. (HIEBERT, 2012, p.158)

A modernidade teve papel importante “nos ideais da razão e da liberdade” (HIEBERT, 2012, p.158) adotados pelo Iluminismo do século 18, observamos a forte influência desses pensamentos em filósofos como René Descartes com sua cosmologia mecanicista, e Francis Bacon com seu empirismo. Descartes buscava a “verdade objetiva pura, não corrompida por pressupostos culturais” (HIEBERT, 2012, p.158), ele duvidava de tudo, inclusive da sua própria existência, sua fé era fundamentada única e exclusivamente na razão. Para Bacon o mundo era puramente “material e não espiritual, mecânico e não teológico, era um grande relógio ao qual no passado, o Criador deu corda, mas que funcionava de acordo com as leis naturais”(HIEBERT, 2012, p.159).

A modernidade é multiforme, mutável, se adapta a cultura ao mesmo tempo que conserva alguns temas centrais que considera valiosos. Trataremos alguns desses temas para uma melhor compreensão deste contexto social e cultural.

Iniciaremos compreendendo a divisão “Naturalismo/Sobrenaturalismo” (HIEBERT, 2012, p.159), para tanto devemos considerar que a “reintrodução do dualismo aristotélico no pensamento ocidental foi fundamental para o surgimento da modernidade” (HIEBERT, 2012, p.159). Durante a Idade Média o velho mundo vivia sob uma ótica dualista “contingente de Criador e criação” (HIEBERT, 2012, p.159), o primeiro dominante, atemporal e a última material e efêmera. Um pouco mais de um século depois, especificamente o final do século 17, inaugura o pensamento que separa “céu e terra”, desta forma, Deus se torna cada vez mais abstrato e a ordem

natural, o “universo material” passa a ser factual, a consequência deste movimento é a cisão definitiva entre o homem e Deus, afetando e sequestrando sua crença no envolvimento divino direto, e em seu controle do mundo temporal. “O domínio sobrenatural foi relegado a crenças, emoções e ética imaginárias” (HIEBERT, 2012, p.161)

[...] Este dualismo entre natural e sobrenatural, ciência e religião, fato e fé, leis naturais e milagres, corpo e espírito domina a cosmovisão da maioria das pessoas comuns modernas, Ela relega as religiões a questões de fé pessoal e conduz à secularização da vida cotidiana. O cientificismo defende que a natureza constitui a soma total da realidade. (HIEBERT, 2012, p.161)

Outro ponto analisado por Hiebert (2012, p.164) é classificado por ele como “Centrado no homem/Centrado em Deus”, onde o autor destaca essa separação como um dos diversos efeitos colaterais causado pelo dualismo “sobrenatural/natural”, neste novo mundo a centralidade de Deus nas ações, nas escolhas humana é excluída e o homem passa a ser seu próprio centro.

Nesta nova conjuntura os seres humanos passaram a viver de forma autônoma e “livres se tornaram o centro do universo e a medida de todas as coisas [...] o resultado foi uma mudança de um universo ordenado por Deus para um mundo planejado pelos seres humanos” (HIEBERT, 2012, p.165).

Essa ideia que retira a centralidade de Deus e coloca o homem em seu lugar é conhecida como humanismo, compreendemos com maior clareza o significado deste termo ao nos debruçarmos nesta citação que Hiebert faz do pensamento de Descartes:

Esse humanismo foi descrito por Descartes, que escreveu: “Agora o livre-arbítrio é em si a capacidade mais nobre que podemos ter, pois nos torna, de certa maneira, iguais a Deus e nos isenta de sermos seus súditos: portanto, seu uso legítimo é o maior de todos os bens que possuímos, e ainda não há nada que seja mais nosso ou que seja mais importante para nós”. (DESCARTES *apud* HIEBERT, 2012, p.165).

O efeito deste dualismo também se estende a esfera “Ciência/Religião”, o secularismo descartou da vida pública as “instituições, crenças e práticas religiosas e as substituiu pela razão e pela ciência” (HIEBERT, 2012, p.166). A racionalidade

científica caracteriza todas as religiões como “*irracionais e fictícias*” (HIEBERT, 2012, p.166) podendo ser contestada sobre a veracidade da sua verdade.

Depois do Iluminismo a religião passa então, a ser retratada “pela ciência como aquilo que a ciência não era” (HIEBERT, 2012, p.167), portanto, incompatíveis entre si. Nasce aqui essa ideia de superioridade da ciência em relação à religião, sendo a primeira “objetiva, racional, empírica e verdadeira para todos” (HIEBERT, 2012, p.167), enquanto as religiões caracterizam como organismos subjetivos, emocionais e relacionados à fé pessoal.

A ciência fez das religiões um objeto de estudo, dividindo-as em espécies, comparando-as e classificando-as conforme a escala da lógica. Ao fazê-lo, relegou as religiões ao mundo das crenças e superstições particulares e alegou estabelecer a verdade na esfera pública. Não tolerou qualquer coisa que se opusesse à sua dominação no campo do conhecimento. (HIEBERT, 2012, p.167)

Outro produto da modernidade legado para a atual geração diz respeito à divisão *entre* o “secular” e o “religioso” (HIEBERT, 2012, p.169), resultando numa separação profunda entre as esferas pública e privada. Neste cenário, “a verdade pública é secular, humanista, materialista e racionalista, portanto, não está sujeita a considerações morais” (HIEBERT, 2012, p.170), por outro lado a verdade privada diz respeito a fé individual, por isso a realidade, os afetos, “a moralidade e as tradições religiosas” (HIEBERT, 2012, p.170) são banidos da vida pública, cabendo a cada indivíduo escolher qual princípio de conduta regerá sua vida, definirá seus valores e coordenará suas ações.

A única exigência imposta a quase todos é que não se deve impor a própria verdade ou moral religiosa aos outros. As religiões, incluindo o cristianismo, são vistas como um assunto de fé pessoal sem certeza e validade gerais. O pluralismo das religiões e denominações, em contraste com a aparente unidade monolítica da ciência, apenas reforça a noção de que elas representam opiniões pessoais, e não a verdade pública. (HIEBERT, 2012, p.170)

Essa era moderna focada no “indivíduo autônomo levou a crença de que as pessoas devem tomar a iniciativa para o próprio bem-estar” (HIEBERT, 2012, p.188), essa concepção prioriza a “liberdade ao invés do controle, direitos no lugar de

responsabilidades, uma busca constante por autorrealização procedentes do conforto, consumismo e entretenimento” (HIEBERT, 2012, p.188)

Ao refletirmos sobre essa questão a partir da esfera social precisamos enfatizar que “todas as sociedades precisam de padrões morais para definir o bem e para julgar e regular a vida” (HIEBERT, 2012, p.219) e na modernidade esses padrões foram alicerçados nos valores de liberdade e igualdade da Revolução Francesa. Anteriormente, na Idade Média, a moralidade fora marcada por fundamentos sagrados, baseados na crença de um Deus criador de todas as coisas inclusive dos padrões morais que definiam seu código de conduta.

Essa modernidade secularizada excluiu qualquer validação divina para a moralidade. As escolhas morais passam a ser definidas pelo próprio indivíduo e tudo pode ser admitido se for a favor do bem comum, mas a irônica verdade é que as leis morais na sua grande maioria encontram amparo na Idade Média e foram fortemente influenciadas pelos fundamentos da fé cristã.

Concomitante ao avanço do secularismo, a concepção de moralidade se tornou contestável porque presume a ação de um agente divino, por isso a modernidade substitui o conceito “moralidade por valores”, que baseia-se na “escolha humana, e não na ordem divina” (HIEBERT, 2012, p.220).

Após profunda análise sobre os fundamentos e conceitos da modernidade Hiebert (2012, p.233) desenvolve um panorama sobre o que ele intitula de “A Cosmvisão da Modernidade Tardia ou Pós Modernidade”. Segundo o autor, esse período começa no momento em que os ideais iluministas passam a ser questionados.

A pós-modernidade é a situação em que o mundo se encontra depois do colapso do projeto iluminista, que durou do final do século 18 até meados do século 20. Esse projeto, cujo objetivo era que os povos distintos do mundo vissem as coisas da mesma maneira racional, é então colocado em dúvida. O que era seguro, básico e estabelecido passou a ser questionado. A afirmação agora é que nossa percepção moderna de “como as coisas são”, em vez de ser um conhecimento baseado na razão e na evidência empírica, é na verdade, apenas um conjunto de ideologias elaborado para servir aos interesses dos que estão no poder, ideologias que marginalizam os que delas discordam. (HIEBERT, 2012, p.233)

Importante considerar que apesar das mudanças acerca do pensamento estabelecido até então, a “modernidade não terminou” (HIEBERT, 2012, p.233), esses novos ideais “pós-modernistas” nascem como uma manifestação contracultural e origina-se nos conceitos filosóficos de Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Jacques Derrida, Michel Foucault, Jean-François Lyotard entre outros. A expressão “Pós-Moderno” começou a ser usada nos anos 1940 com a premissa de retratar formas de arquitetura e poesia, somente por volta dos anos 1960 que o termo começou a surgir em livros para intitular uma “nova era na história” (HIEBERT, 2012, p.233).

A hesitação, o desencanto, os questionamentos com relação aos ideais da modernidade iniciaram-se após as duas grandes guerras, travadas por aqueles que se “consideravam civilizados, mas destruíram a noção de progresso” (HIEBERT, 2012, p.235), gerando profundo sofrimento através da colonização e “opressão industrial” (HIEBERT, 2012, p.235). A modernidade “organizou as culturas em uma estrutura hierárquica”, elitista, “com o povo ocidental moderno e civilizado no topo, e os demais povos classificados como “primitivos” (HIEBERT, 2012, p.236).

Mas a desilusão dos pós-modernistas com a modernidade ultrapassa questões como as guerras mundiais, esse desencanto também decorre da iminência de um colapso ecológico e do progressivo crescimento das diferenças sociais; A pós-modernidade rejeita os “mitos racionalistas do Iluminismo” por considerá-los “reducionistas ao encobrirem a diversidade de realidades sociais” (HIEBERT, 2012, p.236) suprimindo sua pluralidade, por fim a razão se mostrou incapaz de produzir um mundo melhor.

A pós-modernidade constata que nenhuma razão humana é capaz de superar a realidade da vida, por isso, o ser humano deveria manter seu foco no presente e desfrutar ao máximo o que a vida lhe oferece agora. Seus ideais sustentam que toda realidade é subjetiva, relativista, ou seja, não existem verdades absolutas, pessoas e comunidades podem ter as próprias versões de verdades pessoais e comunitárias. A realidade é egocêntrica e estimula o “culto ao eu” (HIEBERT, 2012, p.252).

A ascensão do indivíduo autônomo levou a crença na construção do “eu” como um projeto reflexivo, no direito de buscar a realização pessoal, a conquista individual e a autossatisfação, e na prerrogativa moral de agir em favor da autopreservação e de matar em legítima defesa, se necessário. Somos o centro da existência; portanto, é dever de cada um viver para si

mesmo hoje. A pessoa pós-moderna não tem interesse maior além de si mesma.(HIEBERT, 2012, p.252)

Outro ídolo dominante nesta era pós-moderna é o consumismo, estabeleceu-se como valor cultural e está diretamente ligado à busca por prazer e satisfação imediata, proporcionando significado e agregando valor ao indivíduo a partir do seu poder de compra. Alimenta-se da insatisfação com o presente, da cobiça humana e nunca acaba, quando determinados desejos são satisfeitos, novos surgem. De fato, o consumismo não é a resposta para as inquietações do coração humano, embora ofereça um prazer momentâneo ele não consegue suprir as necessidades geradas pela queda que só encontram redenção em Cristo.

A sociedade secular é guiada por sentimentos: “Sinto, logo existo”, contrariando a máxima de Descartes: “Penso, logo existo” (HIEBERT, 2012, p.257).

Tim Keller (2018, p.13), em sua obra “Deus na era secular”, nos apresenta pelo menos três áreas distintas em que o termo "secular" vem sendo aplicado, como vemos a seguir.

Na “estrutura social e política” (KELLER, 2018, p. 13) ao separar religião e Estado, logo, nenhuma fé religiosa é portadora de privilégios junto às instituições governamentais e culturais; A palavra secular também pode ser usada para “descrever indivíduos, a pessoa secular é aquela que não sabe se existe um Deus ou qualquer esfera sobrenatural além do mundo natural” (KELLER, 2018, p. 13), tudo se explica pela razão, pela ciência. Em terceiro lugar, o termo pode descrever um tipo particular de cultura com seus temas e narrativas, em uma “era secular toda a ênfase repousa sobre o presente” (KELLER, 2018, p. 13), as percepções de algo eterno inexistem, o sentido da vida são “entendidos e buscados na prosperidade econômica, no conforto material e na realização emocional do presente” (KELLER, 2018, p. 13).

Em seu livro “Verdade Absoluta” a autora Nancey Pearcey (2006, n.p.)¹, aponta como essa “revolução secular” contaminou todas as esferas da cultura americana, consideramos porém que essa mesma influência tem permeado a cultura ocidental como um todo, principalmente após o advento da internet.

¹ Texto digital, Parte I, capítulo 3. (e-book)

Para Pearcey (2006, n.p.)² essa influência não atua apenas no ensino superior, mas opera também nas “escolas públicas, na política, na psicologia e na mídia”.

O cristianismo foi classificado como prosélito em cada um desses setores ao mesmo tempo que as filosofias seculares, como o “materialismo e o naturalismo, foram promovidas como objetivos e neutros”³, definindo-os como as únicas possibilidades a serem praticadas na “esfera pública”.

A autora prossegue e reafirma que não há neutralidade, a sociedade secular nega a existência de Deus para reafirmar a sua verdade e desafia a Igreja sobre seu papel na esfera pública e privada. Precisamos compreender “por que os cristãos ocidentais perderam de vista o chamado abrangente que Deus deu a cada um”⁴. Pearcey (2006, n.p), nos faz refletir sobre porquê os cristãos se submeteram a essa ordem dualista que separa “secular e sagrado” e destaca como essa ação tem impedido a aplicação da sua “fé em áreas como trabalho, negócios e política”.⁵

Ela convoca os cristãos a se libertarem “deste padrão de pensamento destrutivo” (PEARCEY, 2006, n.p), para isso nos lembra que, desde o princípio o “cristianismo foi infestado por dualismos e dicotomias de vários tipos”⁶. Por isso, a Igreja deve fazer um profundo auto diagnóstico; entender como e quando esse pensamento dualístico, até então propriedade dos não crentes, se formou na igreja e passou a regular suas ações.

Para fazermos essa diagnose, temos de nos voltar à Igreja Primitiva e seu encontro com o pensamento grego. Imagine os primeiros crentes: grupos pequenos e prontos para o combate, cercado por uma cultura estrangeira com idioma, literatura, instituição cívica próprios e aceitos, e, mais forte que tudo, a rica tradição intelectual da filosofia grega. Como a Igreja Primitiva defenderia sua fé na ressurreição de Jesus em oposição às filosofias altamente desenvolvidas dos seus dias?

Os pensadores clássicos transmitiram muitos ensinamentos bons. Conhecemos nomes: Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles. Eles enfatizaram a ordem racional do universo, que mais tarde tornou-se inspiração importante para o desenvolvimento da ciência moderna. Levantaram-se contra os materialistas e os hedonistas dos seus dias,

² Texto digital, Parte 1, capítulo 3. (e-book)

³ Texto digital, Parte 1, capítulo 3. (e-book)

⁴ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

⁵ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

⁶ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

afirmando os ideais eternos da verdade, bondade e beleza. Argumentaram que o conhecimento era objetivo e não somente uma crença social. Da mesma forma, Platão apresentou argumentos baseados na ordem cujos objetivos são direcionados à natureza. Tudo isso e muito mais os pensadores cristãos acharam muito apropriados, e subseqüentemente adotaram diversos elementos da filosofia clássica como ferramentas intelectuais para dar expressão filosófica à fé bíblica que tinham.

Contudo, os pensadores gregos eram pagãos, e muitas de suas doutrinas eram incompatíveis com a verdade bíblica. (PEARCEY, 2006, n.p)

Nancey Pearcey (2006, n.p) ⁷aponta como o secularismo dualista através da filosofia clássica, influenciou a Igreja na prática de uma divisão, não bíblica, entre “matéria e espírito”⁸, amparado-se nesses conceitos filosóficos que definiam o “reino material como menos valioso que o reino espiritual e, por vezes, mau”⁹. Neste cenário, a salvação estava sujeita a práticas ascéticas que pretendiam “libertar o espírito do mundo material para que pudesse subir a Deus”¹⁰. Para entendermos melhor essa questão iremos examinar brevemente dois pensadores que exerceram forte influência na construção do pensamento cristão ocidental, a saber: Platão e Agostinho.

O pensamento dualístico é notadamente intenso na filosofia de Platão, sendo ele um dos filósofos que mais influenciou os “pensadores cristãos durante a Idade Média (sobretudo, por uma adaptação posterior conhecida por neoplatonismo)”¹¹.

Para Platão “tudo é composto de matéria e forma”¹², Pearcey (2006, n.p.) destaca que a proposta do filósofo era de “uma origem dupla para o mundo onde forma e matéria são infinitas”¹³, ou seja, a forma (Razão Eterna) constitui a razão e a racionalidade, enquanto que o “fluxo eterno da matéria informe é por natureza mau e caótico”¹⁴. O grande problema deste pensamento à luz do panorama bíblico é que ele “identificava a fonte do caos e do mal como parte da criação de Deus, a saber, a matéria”¹⁵.

⁷ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

⁸ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

⁹ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹⁰ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹¹ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹² Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹³ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹⁴ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹⁵ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

Nesta concepção a criação foi “dividida em duas partes: a espiritual (superior e boa) e a material (inferior e ruim)”¹⁶ e é incompatível com a cosmovisão bíblica, que “ensina que nada existe desde a eternidade em oposição a Deus”¹⁷. A matéria não existia antes de Deus e não é independente dele, uma vez que o próprio Deus criou todas as coisas e domina integralmente sobre ela.

A autora continua manifestando o quanto a Bíblia se opõe ao pensamento grego; as escrituras apresentam e consideram o mundo material como bom pois foi Deus quem o criou, logo, reflete seu caráter. Portanto, podemos concordar que a Bíblia não equipara “o mal com a matéria ou com outra parte da criação, mas com o pecado, que torce e distorce a criação de Deus originalmente boa”¹⁸.

O segundo pensador que Pearcey (2006, n.p.) investiga em sua obra é Agostinho, ela afirma que “muitos dos pais da igreja foram profundamente influenciados pelo platonismo, incluindo Clemente de Alexandria, Orígenes, Jerônimo e o próprio Agostinho”¹⁹, esse último um dos pensadores mais influentes para o desenvolvimento dos fundamentos da Teologia Cristã Ocidental.

Agostinho aceitou os princípios da ética do ascetismo, apoiando-se no pressuposto de que o “mundo físico e as funções físicas eram por natureza inferiores, uma causa do pecado”²⁰ e que a maneira de obter os altos padrões exigidos da “vida espiritual era renunciar e se privar dos desejos físicos”²¹. O pensador considerava que a “vida ativa”²², ligada aos trabalhos manuais, as coisas corriqueiras do mundo, era inferior à “vida contemplativa de oração e meditação nos mosteiros”.

Também valorizava o celibato em relação ao casamento e até aconselhou membros casados do clero a abandonarem suas esposas.

Por sua incontestável importância na história da igreja, esse “tipo de platonismo cristianizado permaneceu na língua franca entre os teólogos ao longo de toda a Idade Média”²³.

¹⁶ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹⁷ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹⁸ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

¹⁹ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

²⁰ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

²¹ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

²² Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

²³ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

Outro modo de dizer é que, segundo a Bíblia, o dilema humano é moral — o problema é que violamos os mandamentos de Deus. Porém, segundo os gregos, o dilema humano era metafísico — o problema é que somos seres físicos e materiais. E se o mundo material é ruim, então a meta da vida religiosa é evitar, suprimir e, no final das contas, fugir dos aspectos materiais da vida. O trabalho manual era considerado menos valioso que a oração e a meditação. O casamento e a sexualidade foram rejeitados em favor do celibato. A vida social ordinária estava num plano mais baixo que a vida em eremitérios e mosteiros. O alvo da vida espiritual era livrar a mente do mundo mau do corpo e dos sentidos, para que assim pudesse elevar-se a Deus. (PEARCEY, 2006, n.p.)²⁴

Pearcey (2006, n.p.) convoca a Igreja a romper com os dualismos, o secular e o cristianizado, buscando a orientação bíblica para o tipo de vida que os cristãos são chamados a viver neste mundo, ela destaca que esse mesmo dualismo permanece atuante na vida do povo de Deus vestindo nova roupagem e adaptado aos novos tempos. Ele continua replicando o pensamento de Platão ao definir como pecado alguma parte da criação e como definição de espiritualidade evitar essa mesma parte da criação, que deve ser combatida pelos seres humanos ao dedicarem o máximo do seu tempo a ações que glorifiquem a Deus, como: participar de todas as atividades da Igreja, das escolas bíblicas, dos pequenos grupos e se isolando ao máximo do mundo exterior. “Isto explica por que o trabalho no âmbito espiritual, como pastor ou missionário, é considerado mais importante em comparação a outros”²⁵.

A unidade integral da “verdade cristã tem de estar no centro de nossa mensagem quando nos engajamos em evangelizar numa era pós-moderna”²⁶. Para muitos não cristãos da atual geração os modelos convencionais de apologética não fazem sentido e se tornaram inoperantes. Defesas sobre a veracidade do evangelho ou que ele é “historicamente verificável”²⁷ podem não fazer sentido algum, uma vez que a religião é considerada um construção da subjetividade humana, “de forma que o teste de uma crença religiosa boa não é se é objetivamente verdadeira, mas se tem efeitos benéficos na vida de quem crê”²⁸.

²⁴ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

²⁵ Texto digital, Parte 1, capítulo 2. (e-book)

²⁶ Texto digital, Parte 1, capítulo 3. (e-book)

²⁷ Texto digital, Parte 1, capítulo 3. (e-book)

²⁸ Texto digital, Parte 1, capítulo 3. (e-book)

A palavra religião tem sido cada vez mais substituída pelo termo espiritualidade, conforme demonstra Pearcey (2006, n.p.). Esta diferenciação faz sentido dentro da sociedade secular uma vez que, “religião refere-se ao reino público das instituições, denominações, doutrinas oficiais e rituais formais, e a espiritualidade está associada ao reino particular da experiência pessoal”²⁹. Essa concepção de que “a fé é, por definição, individual e subjetiva”³⁰, pode ser um dos motivos da desconfiança nas instituições religiosas de nossos dias.

Neste contexto, o maior desafio da Igreja hoje é apresentar um cristianismo contextualizado, holístico, comprometido com a verdade bíblica que é absoluta, dentro das esferas de atuação em que está inserida. “Os cristãos são chamados a resistir ao espírito deste mundo, e esse espírito muda constantemente”³¹. Os desafios enfrentados por essa geração não são os mesmos enfrentados pela geração anterior, a Igreja precisa resistir ao espírito desta era ao mesmo tempo que a reconhece e se relaciona com sua cultura.

Conforme observamos, a cosmovisão secularista é dualista, humanista, relativista, consumista, hedonista, ela nega a soberania de Deus na criação e sua atuação ao longo da história da humanidade.

Tim Keller(2018, p.13), em seu livro “Deus na era secular”, alerta sobre isso ao escrever:

Indivíduos podem professar uma fé religiosa e se dizer não seculares. Todavia, na prática, a existência de Deus pode não ter impacto perceptível algum em suas decisões e conduta de vida. Isso acontece porque, em uma era secular, até mesmo as pessoas religiosas tendem a escolher namorados e cônjuges, profissões e amizades e a tomar decisões financeiras sem ter outro objetivo maior do que a própria felicidade pessoal no presente. Sacrificar a paz e a riqueza pessoal em favor de causas transcendentais se torna algo raro, mesmo entre quem afirma crer em valores absolutos e na eternidade. Mesmo que você não seja uma pessoa secular, a era secular consegue ‘esgarçar’ (secularizar) a fé até ela ser vista como apenas mais uma opção na vida — ao lado do emprego, da diversão, dos hobbies, da política — e não como uma estrutura abrangente que determina todas as escolhas da vida. (KELLER, 2018, p.13)

²⁹ Texto digital, Parte 1, capítulo 3. (e-book)

³⁰ Texto digital, Parte 1, capítulo 3. (e-book)

³¹ Texto digital, Parte 1, capítulo 3. (e-book)

Na sociedade pós cristã, conforme somos lembrados por Pearcey (2006, n.p.), as pessoas querem ser reconhecidas por serem autênticas. “Em um mundo de informações distorcidas e propaganda enganosa, a geração pós-moderna procura desesperadamente algo verdadeiro e autêntico”³². Então, os cristãos somente serão respeitados e ouvidos sob a condição de que nossas comunidades, nossas organizações e a vida particular de seus membros demonstrem e pratiquem um “estilo de vida autêntico, Igrejas que expressem o caráter de Deus em suas relações e maneira de viver”³³.

A autora finaliza lembrando a igreja que ela é “chamada para testemunhar do evangelho por demonstração autêntica de amor e unidade”³⁴.

³² Texto digital, Parte 4, capítulo 13. (e-book)

³³ Texto digital, Parte 4, capítulo 13. (e-book)

³⁴ Texto digital, Parte 4, capítulo 13. (e-book)

2. PARADIGMAS HISTÓRICOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE MISSÃO

Precisamos esclarecer o que pretendemos expressar quando empregamos os termos cultura, contextualização e Igreja missional.

D.A. Carson (2012, p. 13) inicia sua obra “Cristo e Cultura” refletindo como é variante a aplicação deste termo, o autor discorre sobre como “era comum a palavra “cultura” referir-se àquilo que hoje em dia se designa “alta cultura”, comumente usado para classificar pessoas eruditas; em contrapartida, o oposto de “alta cultura” é aquilo que Carson chama de “cultura popular”, dado sua propensão a valores mais democráticos e igualitários.

Segundo ele, atualmente cultura é considerado um conceito adaptável, elástico, podendo ser compreendido como um “conjunto de valores amplamente partilhado por algum subconjunto da população humana”(CARSON, 2012, p. 13).

O próprio autor considera essa classificação do termo superficial e demonstra ser possível melhorá-la, tornando-a menos genérica, para isso cita A.L. Kroeber e C. Cluckhohn, naquela, que Carson (2012, p. 14) considera a “definição pioneira mais importante, oriunda dos campos da história intelectual e da antropologia cultural”:

“A cultura consiste em padrões, explícitos e implícitos, de comportamento adquirido e transmitido por símbolos, constituindo a realização distintiva de grupos humanos, inclusive sua expressão em artefatos; o núcleo essencial da cultura consiste em ideias tradicionais (i.e., derivadas e selecionadas ao longo da história), e especialmente nos valores a elas associados; sistemas culturais podem ser considerados, de um lado, produtos da ação, de outro, elementos condicionantes de ação posterior”. (KROEBER; CLUCKHOHN *apud* CARSON, 2012, p.14)

Manfred Grellert (1983, p.8) , indica em sua obra “O Evangelho e a Cultura”, da Série Lausanne, que a base bíblica da cultura está em Gênesis 1:26-28, nestes versículos é possível identificarmos o mandato cultural de Deus para a humanidade.

Deus criou o ser humano, homem e mulher, munindo-os de atributos como: racionalidade, sociabilidade, moralidade, criatividade e espiritualidade, também ordenou que ocupassem a Terra e dominassem sobre ela, Grellert (1983, p.8)

reconhece que a partir destes mandamentos divinos originou-se toda a cultura humana, posto que, quando usamos nossa capacidade criativa para nos sujeitarmos e obedecermos, Deus é glorificado, conseqüentemente servimos ao próximo e cumprimos uma parte importante de nossa missão neste mundo.

O autor sabiamente destaca como é necessário nos lembrarmos que “Onde quer que o ser humano desenvolva sua organização social, arte e ciência, agricultura e tecnologia, sua criatividade refletirá a do seu Criador” (GRELLERT, 1983, p.9) .

Grellert (1983, p.9) também alerta sobre os riscos de definirmos cultura de maneira simplista, ele afirma que “A palavra cultura não pode ser definida facilmente”; Para ele, uma boa “Definição de Cultura” no sentido mais abrangente seria: padrões seguidos por um determinado grupo, para que possa existir algum tipo de vida em comum, podendo ser compreendida como o comportamento, as escolhas morais, as tradições e conhecimentos de um grupo social, incluindo sua “língua, sua comida, sua religião, música, arte, forma de vestir e inúmeros outros aspectos, ou seja, cultura engloba todos os aspectos da vida humana”.

A “Cultura na revelação Bíblica” e a auto revelação pessoal de Deus na bíblia foi transmitida na própria cultura do ouvinte, observarmos isso em toda a Escritura, especialmente no Novo Testamento onde notamos a forte influência cultural judaica helenística na formação sociocultural, conforme observamos nos textos e no vocabulário filosófico grego utilizado por Paulo, por exemplo.

Portanto, a partir desta constatação é possível considerar que Deus não despreza a cultura, mas se relaciona através dela com a Sua criação, manifestando Seu amor, Sua criatividade, Sua graça e nela cumpre também os Seus propósitos.

Outros dois autores que também abordam esse tema de maneira atual são Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew (2016, p.198), na obra “Introdução à Cosmologia Cristã” eles sintetizam em um pensamento o tipo de relacionamento que devemos estabelecer com a cultura, “No mundo, mas não do mundo”. Eles destacam a importância de termos uma participação crítica, conforme vemos:

Para vivermos fielmente a narrativa bíblica, precisamos nos tornar participantes críticos das culturas que nos rodeiam. Como participantes, nossa relação com a cultura é positiva: fazemos parte dela e nos identificamos com ela, procurando (como membros, cidadãos, participantes) “amar e apreciar toda a sua virtude criada. No entanto, como

participantes críticos da cultura, estaremos com frequência nos opondo a ela, rejeitando e desafiando a idolatria que deforma e distorce seu desenvolvimento. (GOHEEN. BARTHOLOMEW, 2016, p.198).

Outro autor que explora o termo cultura é Timothy Keller (2014, p.130) , em sua obra “Igreja Centrada”, ele afirma:

Toda cultura humana é um misto extremamente complexo de verdade esplendorosa, meias verdades ofuscadas e resistência inegável diante da verdade. Cada cultura apresentará seu discurso idólatra. Mesmo assim, cada cultura dará um testemunho da verdade de Deus em seu meio. Deus nos presenteia com sabedoria, talento, beleza, e habilidades sem levar em conta nenhum merecimento. Ele espalha essas coisas sobre uma cultura como se fossem sementes, para enriquecer, iluminar e preservar o mundo. (KELLER, 2014, p.130)

Keller (2014, p.108) nos leva para uma profunda reflexão sobre a necessidade de conhecermos bem a cultura da cidade, do bairro onde estamos inseridos; Ele, assim como Carson e Grellert, aponta para a importância de que mais do que definir cultura apenas como “linguagem, música, arte, alimento e costumes”, é preciso compreender que ela engloba cada área da vida humana; o autor ressalta que a cultura não é neutra e nos lembra a importância de estarmos bem contextualizados, de maneira tal que nossa comunicação com os de fora da fé seja relevante, faça sentido para quem ouve e sempre aponte para Cristo.

Para isso precisamos saber que contextualização não significa dizer o que as pessoas querem ouvir, o autor acentua o oposto do que geralmente pensamos “contextualização saudável significa traduzir e adaptar a comunicação e o ministério do evangelho a determinada cultura sem comprometer a essência e as particularidades do próprio evangelho” (KELLER, 2014, p.107). Ele identifica quatro formas de contextualização, a saber: Contextualização Intencional, Contextualização Equilibrada, Contextualização Bíblica e Contextualização Ativa.

Quando pensamos no termo “contextualizar”, precisamos levar em conta que vivemos hoje em mundo cada vez mais urbano, por isso a “contextualização intencional” (KELLER, 2014, p.106) é tão relevante no cenário atual, ela compreende que indiferente do ambiente em que a Igreja está inserida, cultural ou

geograficamente, ela deverá levar em conta a cidade ao desenvolver sua visão teológica, e essa visão precisará ser atraente para as pessoas que esta “buscando alcançar” (KELLER, 2014, p.106).

Se considerarmos um sermão, por exemplo, que não encontra pontos de contato com a vida comum da sua audiência, que não contextualiza as verdades bíblicas com seus medos, anseios e esperanças, dificilmente ele manterá a atenção de quem o ouve.

Quando contextualizamos de maneira fiel e hábil, mostramos às pessoas como as “narrativas culturais” comuns de sua sociedade e as esperanças dos corações só encontram resposta e satisfação em Jesus.(KELLER, 2014, p.108)

Quando emprega o termo “narrativas culturais” (KELLER, 2014, p.108) o autor refere-se aos enredos que uma determinada sociedade relata sobre si mesma, para elucidar sua vida compartilhada.

Para uma boa compreensão sobre a contextualização equilibrada precisamos entender que não somos somente pecadores, mas também limitados como seres humanos, por isso, de modo algum atingiremos “um entendimento claro e exaustivo sobre nada” (KELLER, 2014, p.121). Também devemos reconhecer que por vezes não temos consciência do poder de influência que a cultura exerce sobre nós, como ela molda a forma como nos relacionamos horizontalmente e com o próprio Deus, como ela afeta a forma como interpretamos as coisas e o mundo ao nosso redor.

Keller (2014, p.121) aponta para o fato de que sempre que nos debruçamos sobre o texto bíblico, fazemos isso com um “pré-entendimento a partir do nosso conjunto de crenças já estabelecidas”, essas crenças são intrínsecas a nossa formação e nascem a partir de “uma variedade de vozes que ouvimos dentro da nossa própria cultura”, e essa influência pode se tornar por vezes imperceptível. Essas concepções, pré-conceitos, mesmo que inconsciente, prejudicam nossa interpretação correta da bíblia, impedindo que sejamos corrigidos por ela e principalmente, prejudicam a criação de pontes com a cultura e uma comunicação clara com quem necessita ouvir acerca das escrituras.

A contextualização equilibrada pressupõe um relacionamento de mão dupla, compartilhamos acerca das verdades bíblicas ao mesmo tempo em que somos corrigidos da nossa concepção sobre a cultura que nos cerca. Porém, devemos

estar atentos porque mesmo não existindo “manifestações de ensinamentos bíblicos que sejam universais e sem traços de cultura, a Bíblia mesmo assim apresenta verdades absolutas e universais” (KELLER, 2014, p.126).

Por isso a contextualização bíblica é tão importante para nós, ao lermos as escrituras fica claro que ela considera a cultura humana e nos mostra como o próprio evangelho determina o tipo de relacionamento que devemos ter com ela.

Para o autor as referências bíblicas para uma boa contextualização encontram-se em quatro passagens bíblicas, Romanos 1 e 2, I Coríntios 9 e 1, ele esclarece:

Romanos 1 e 2, fornece a base da contextualização, ou seja, que a Bíblia adota uma visão mista da cultura, e, embora possamos aceitar muitos elementos de uma cultura, precisamos ter o cuidado de não aceitar alguns deles de olhos fechados, sem examiná-los à luz do evangelho [...] I Coríntios 9, trata da nossa motivação para a contextualização, lembrando-nos de que devemos ser flexíveis para com a cultura, prontos a adaptar o que for possível para comunicar o evangelho [...] 1 Coríntios 1, a Bíblia oferece uma fórmula básica para a contextualização e mostra como manter o equilíbrio entre aceitar e desafiar a cultura . (KELLER, 2014, p.129)

Por sua vez, a “contextualização ativa é sobre passos práticos que podem nos ajudar a entrar na cultura, desafiar a cultura e apelar a cultura” (KELLER, 2014, p.140). Para “entrarmos na cultura, Keller (2014, p.145) nos orienta a “mergulhar nas questões, esperanças e crenças da cultura, para então oferecer respostas bíblicas e centradas no evangelho às perguntas que são feitas”; Precisamos investir tempo nos relacionando de forma verdadeira com as pessoas, ouvindo-as com diligência, desprendendo tempo para participar efetivamente de suas vidas.

Quando nos dispomos a desafiar a cultura devemos antes nos identificarmos com ela, do contrário nossas críticas não terão nenhum poder de convencimento, seremos ouvidos somente quando nossas afirmações estiverem fundamentadas nas crenças e nos valores dessa cultura, ou seja, é possível discordar de conceitos errados da cultura a partir dos conceitos corretos em que ela mesmo estabelece.

A ideia de apelar a cultura também pode ser compreendida como recorrer a elementos da cultura a fim de apresentarmos “Cristo a nossos ouvintes como a fonte suprema daquilo que eles têm procurado” (KELLER, 2014, p.156).

Ainda sobre a compreensão do termo contextualização, Goheen e Bartholomew (2016, p.204) nos fornece alguns exemplos bíblicos de contextualização fiel; os autores apontam para o fato do próprio apóstolo Paulo ser um missionário transcultural que ao invés de “simplesmente rejeitar ou confirmar a instituição cultural da casa romana”, identifica nela conexões com a criação e trabalha para refazê-las pelo poder do evangelho, conforme vemos em Efésios 5.

A admoestação do apóstolo ao marido, para que ele ame sua esposa de maneira sacrificial, para que ele crie seus filhos com amor e trate seus escravos de maneira digna foi totalmente subversivo para aquela época, para aquele lugar e cultura, uma vez que naquele contexto o pai era senhor absoluto do lar e liderava sua casa de maneira abusiva, autoritária, replicando na organização familiar a ótica de poder hierárquico do Império Romano.

Como podemos observar, o plano missionário de Paulo foi “chamar a Igreja a viver dentro das instituições existentes da cultura, mas com uma presença crítica e transformadora” (GOHEEN e BARTHOLOMEW, 2016, p.204).

Quando olhamos para os exemplos bíblicos que determina uma contextualização saudável, notamos que se faz necessária uma avaliação do porquê e para que essa determinada instituição cultural existe, precisamos compreender como “a arte, os esportes, as relações internacionais, o trabalho, o casamento, a família” (GOHEEN e BARTHOLOMEW, 2016, p.204) determinam seus padrões de comportamento e a partir disto identificar os pontos de contato que podemos estabelecer.

Compreender a cultura, se relacionar com ela de maneira contextualizada são características de uma Igreja que dialoga com o seu tempo, vários autores referem-se a ela como Igreja Missional.

Na obra “A Igreja Missional na Bíblia”, Michael W. Goheen (2014, p.20), define:

Na sua melhor definição “missional” descreve não uma *atividade* específica da igreja, mas a própria *essência e identidade* da igreja à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo . (GOHEEN, 2014, p.20)

O termo “missional” relembra a igreja que ela deve se voltar para a cultura sem ser absorvida por ela, sem perverter sua identidade como organismo santo,

“agente da missão de Deus e participante” (GOHEEN, 2014, p.21) de Sua história no mundo; a igreja deve ser a “encarnação fiel do reino” (GOHEEN, 2014, p.21) na cultura que a cerca, sendo resistência às paixões idólatras, dando testemunho vivo a favor das *boas novas* na sua expressão pública.

Para Goheen (2014, p.229); classificar uma Igreja como “missional” nos dias de hoje significa que “ela participa da missão de Deus”: Essa afirmação corrobora a ideia de que as escrituras relata a história da humanidade, portanto, a missão de Deus segundo o autor pode ser interpretada como o desejo do Criador em restaurar todas as coisas como elas eram antes da queda, para isso Ele estabeleceu papéis para o seu povo nessa história, “Deus, por meio do seu chamado, dá sentido e direção às pessoas: ele as incube de viver para a sua glória e participar na sua obra redentora”.

“Ela dá continuidade à missão de Israel no Antigo Testamento”, o autor nos lembra que é possível observarmos a constante e direta ação de Deus numa expressiva parte da história de Israel na sua luta contra a idolatria, e como eles foram um povo que “conheceu a presença de Deus”, gozou de uma relação contínua com ele, que requereu fidelidade, “obediência, amor, fé e adoração”. Israel foi chamado para intermediar a “bênção salvífica de Deus para as nações” (GOHEEN, 2014, p.231), foram regenerados para que também servissem como exemplo da sua santidade e o que significa ser um povo onde Deus habita.

O período de exílio de Israel fornece um *insight* para um povo fraco e minoritário com pouca influência na esfera pública, que luta para manter sua identidade em um império hostil - e é o que está acontecendo gradativamente no caso da Igreja no Ocidente. Esse povo precisa encontrar novas formas de encarnar e desenvolver sua identidade no novo cenário cultural, não se permitindo privatizar a sua fé, retrair-se e alienar-se de seu contexto cultural . (GOHEEN, 2014, p. 232)

“Ela dá continuidade à missão do reino de Jesus”, essa missão fica evidente em João 20:21, quando Jesus diz "Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio". Cristo nos fez povo seu, nos incorporou na sua missão a fim de disseminarmos seu Reino e sermos uma comunidade, um povo, que retrate hoje o que será nossa vida futura. Somos chamados a dar “continuidade à missão” de

Cristo, do seu poder para restabelecer a “vida humana àquilo que Deus pretendia que ela fosse” (GOHEEN, 2014, p.233).

Por fim, Goheen (2014, p.234) trata sobre como a igreja missional “dá continuidade ao testemunho da igreja primitiva”, nos lembra como essa comunidade formada no primeiro século “começou como um povo escatológico para assumir a missão de Deus” (2014, p.229), e que a Igreja hoje é formada por pessoas que perpetuam o testemunho deixado por eles. Para isso o autor define cinco elementos que caracterizam esse “povo escatológico”, são eles: é um povo “messiânico, cheio do espírito Santo, experimenta na presente era o Reino do fim dos tempos, é enviado para viver entre as nações, não é definido por critérios geográficos e étnicos” (2014, p.235).

Ele também apresenta uma lista com treze sugestões práticas e teológicas, que apontam para o que significa ser uma Igreja missional nos dias de hoje, dissertaremos brevemente sobre cada uma delas.

Para Goheen (2014, p. 240), a primeira característica seria a de “uma igreja com um culto que fomente nossa identidade missional”, para isso, nossa reunião no culto coletivo a Deus deve acontecer semanalmente e é de extrema importância para a formação desta identidade já que nele O adoramos, confessamos nossos pecados, aprendemos e somos desafiados a vivermos “uma vida piedosa em favor do mundo”, sendo constantemente reorientados e redirecionados quanto a nossa vocação e chamado, somos impelidos a irmos pelo mundo alcançando a cultura que Deus tanto ama.

Ela se destaca como “uma igreja capacitada por meio da pregação do evangelho”, ou seja, a pregação centrada em Cristo torna-se um poderoso recurso pelo qual o povo de Deus é “alimentado e capacitado” (GOHEEN, 2014, p.242) para o cumprimento de seu chamado missional.

Ela ora, pois uma Igreja que não compreende o valor da oração comunitária não será uma “igreja verdadeiramente missional” (GOHEEN, 2014, p.246), por isso o autor define como uma das qualidades desta igreja hoje é: “Uma Igreja que se dedicada à oração em comunidade” (GOHEEN, 2014, p.246)

Podemos desenvolver uma grande multidão de cristãos entusiasmados com engenhosas técnicas de marketing e programações atraentes, mas essa não será necessariamente uma comunidade que encarna o poder do evangelho. Não há nada glamouroso ou

novo nisso; a oração é essencial para a missão da igreja porque esta é a missão de Deus. Sabemos disso, mas nossa tendência humanista é depender de nossos próprios recursos e priorizar o planejamento à oração. De alguma maneira temos que quebrar o poder dessa idolatria e realmente crer que esta é a missão de Deus. (GOHEEN, 2014, p.246)

Essa igreja também deve ser “empenhada em viver como uma comunidade de contraste”, portanto, uma igreja estabelecida, fundamentada no evangelho, que compreende o poder redentor de Deus “na adoração, na pregação, e na oração”, resultando numa comunidade pulsante, que “encarna a nova vida do Reino de Deus em sua própria cultura” (GOHEEN, 2014, p.247). Essa igreja de contraste desafia a cultura e os ídolos do seu tempo que são contrários às escrituras.

“Viver como uma comunidade de contraste”, exigirá oposição “missional” à cultura, questionamento a sua história ao invés de ser dominados por ela, portanto, para permanecer fiel, deverá ser “uma igreja que compreende o seu contexto cultural” como indica Goheen (2014, p.251). Para ele, esta comunidade também deve “ser uma igreja treinada para o encontro/ confronto missionário no seu chamado ao mundo”, em outras palavras, a evidência do poder “salvífico de Deus” na vida da comunidade deve produzir “fidelidade em nosso chamado para com as responsabilidades semanais; palavras evangelísticas que apontam para Cristo; atos de misericórdia e justiça em favor dos nossos vizinhos” (2014, p.254).

É importante que ela seja “uma igreja treinada para o evangelismo de uma maneira orgânica” (GOHEEN, 2014, p.255), em palavras, mas também em ações, de maneira tal que seu testemunho conceda à igreja credibilidade junto a cultura acerca do evangelho que prega. E esse evangelho pregado todavia, não deve apontar apenas para o futuro, para outro mundo no porvir, mas deve estar relacionado com a vida cotidiana de seus membros, definindo aspectos importantes da sua vida privada, assim, o evangelismo acontecerá de maneira natural, na nossa caminhada, no partilhar diário, fluirá de nossa boca com facilidade e fará total sentido para quem nos ouve.

Trata-se portanto, de “uma igreja profundamente envolvida nas necessidades de sua vizinhança e do mundo”, que não vive apenas de anunciar a palavra, mas que trazem para essas palavras credibilidade comprovada com ações de justiça e misericórdia como “expressões de amor sacrificial” (GOHEEN, 2014, p.259).

Somado a isso, ela é “uma igreja comprometida com missões”, Goheen (2014, p.260) enfatiza que a missão deve ser o padrão de vida da Igreja, ela é um “empreendimento transcultural”, sua expectativa final. Uma comunidade que assume sua responsabilidade sobre missões “se torna mais propensa a ser uma igreja missional no lugar onde ela está inserida” (2014, p.261).

Deve ser “uma igreja com líderes bem treinados” e podemos sintetizar essa questão expondo os três pontos que o autor destaca: “líderes que tenham visão missional; famílias que treinam a geração seguinte e pequenos grupos instrumentais nas diversas dimensões da tarefa da Igreja” (2014, p.261).

Por fim, Goheen (2014, p.267) sublinha a relevância de “uma igreja que busca e expressa a unidade do corpo de Cristo”, dando testemunho público da sua união, de sua capacidade de reconciliação, uma vez que “uma igreja missional não pode deixar de se preocupar com uma expressão de unidade da igreja”.

Conseqüentemente, para sermos reconhecidos como uma igreja missional precisamos antes de tudo identificar, como já dito anteriormente, os ídolos dessa geração, sua cultura, seus medos, anseios, inseguranças, crenças, esperanças, seus mecanismos de gratificação e todo esse contexto social atual denominado “Era Secular” ou “Pós Cristianismo”, o que faremos no capítulo a seguir.

3. A CONFIGURAÇÃO DE UMA IGREJA EM MISSÃO NA ERA PÓS CRISTÃ

A expectativa do secularismo quanto a extinção da religião no mundo não alcançou êxito, mesmo três séculos após a formação dos primeiros ideais da pós-modernidade ainda observamos sua forte influência religiosa na sociedade do século 21.

Na obra “Uma fé pública”, Miroslav Volf (2018, p.145) aborda essa questão ao afirmar que o “mundo sempre foi um lugar muito religioso, e pelo que tudo indica, assim continuará sendo no futuro que se pode prever “.

Mas como observei acima, não foi isso que alguns figurões da modernidade europeia presumiriam. Eles pensavam que a religião, de um modo ou de outro, “definharia até morrer”, usando a expressão mais comumente empregada pela tradição marxista para descrever o desaparecimento do estado na sociedade comunista. A religião é irracional, prossegue o raciocínio. Diante da razão, ela empreenderá uma fuga, exatamente como fogem as trevas da noite de do raiar do novo dia [...] Todavia, a tese da secularização se mostrou equivocada. (VOLF, 2018, p.145)

Este é um panorama bastante animador para a Igreja de Cristo, posto que evidencia a presença ativa de Deus na história da criação, aponta para o fato de que Ele permanece salvando e transformando pecadores em remidos, e que não há pensamento ou ciência humana capaz de sufocar sua ação. Essa certeza deveria ser suficiente para produzir no cristão um desejo ardente em cumprir a ordenança bíblica de Mateus: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinem esses novos discípulos a obedecerem a todas as ordens que eu lhes dei ” (BÍBLIA, Mateus 28,19-20).

Volf (2018, p.112) aponta para o fato de que quando “as comunidades cristãs se afastam do mundo e se voltam para dentro de si mesmas, o resultado será a ociosidade da fé cristã como religião profética”. A consequência deste comportamento, segundo o autor, é que essas Igrejas somente estabelecem um relacionamento com a cultura empenhando-se em transformá-la a sua “própria imagem” e por isso passam a ser enxergadas pela sociedade como “seitas agressivas”.

Porém, ele recomenda que as Igrejas não se afastem, ou rompam com a cultura de que se originam, mas ao contrário, elas devem “continuar dentro delas e mudá-las”, subvertendo seu poder apontando para Cristo.

No capítulo 2, o autor trata especificamente sobre o tema da ociosidade, argumentando como ela “é uma das principais falhas da fé” (VOLF, 2018, p.41) e lista três causas que geram uma fé ociosa.

A primeira diz respeito ao caráter dos crentes; para algumas pessoas, a fé que abraçam exige demais, e então elas fazem suas escolhas, como num restaurante de comida a quilo, enchendo a bandeja com doces, mas deixando de lado o brócolis e os peixes. A segunda razão é que os crentes religiosos se veem constrangidos por grandes e pequenos sistemas nos quais vivem e trabalham; para prosperar, ou até mesmo para sobreviver, eles sentem que precisam obedecer à lógica desses sistemas, e não às exigências da fé que abraçam. A terceira razão da ociosidade da fé diz respeito à própria fé, que ou não se aplica às novas circunstâncias ou não parece relevante para questões contemporâneas — da energia nuclear às descobertas da neurociência . (VOLF, 2018, p.41)

Volf (2018, p.41) lista quatro maneiras que Deus atua na vida dos membros da Igreja capacitando-os a viver uma fé ativa em lugar de uma fé ociosa.

Deus nos abençoa, e nós obtemos êxito em nosso trabalho; Deus nos liberta de modo que não somos deprimidos pelos nossos fracassos, e podemos conseguir uma felicidade duradoura; Deus nos dirige, e sim podemos trabalhar de maneiras moralmente responsáveis e moralmente excelentes; Deus confere significado ao nosso trabalho no sentido de que Deus reúne todos os nossos esforços em nosso próprio benefício e em benefício de nossas comunidades e trabalha por intermédio deles para criar, redimir e consumir o mundo. Nossa fé fará diferença positiva quando Deus estiver atuando em nosso trabalho dessas quatro maneiras . (VOLF, 2018, p.41)

Timothy Keller (2014, p.297) na sexta parte de sua obra “Igreja Centrada”, faz uma extensa análise sobre o que significa ser uma Igreja Missional, quais são as suas características, a maneira como ela se insere na cultura e serve a sociedade estabelecendo-se como organismo vivo, exercendo seu papel ao refletir o amor de Deus em suas ações.

Apresentaremos alguns aspectos defendidos por Keller (2014, p.321) que conduzem a Igreja pelo caminho para se tornar uma Igreja Missional.

O autor inicia com a afirmação de que a Igreja “precisará confrontar os ídolos da sociedade se deseja mesmo ter um encontro missionário com a cultura” (KELLER, 2014, p.321), isso significa que ela terá que lidar de “maneira especial a forma como a modernidade transforma felicidade e autorrealização em absolutos” (KELLER, 2014, p.321). Somado a isso precisará confrontar com as verdades bíblicas os ídolos do “consumismo e ganância que geram injustiça”(KELLER, 2014, p.321). A Igreja não deve modificar o evangelho para que ele seja aceito pela cultura, ao contrário, deve viver uma “vida simples e exercer justiça no mundo” (KELLER, 2014, p.321), lembrando que todos são pecadores, portanto, necessitam de arrependimento e salvação.

Precisa “reconhecer que a maior parte das nossas apresentações mais recentes formuladas e populares do evangelho cairá em ouvidos surdos” (KELLER, 2014, p.322), isso significa que os princípios bíblicos sobre pecado e redenção soarão extremamente ofensivos para os que ouvem. Porém, Keller (2014, p.322) alerta que apesar disto, a Igreja não deve mudar os fundamentos das “doutrinas cristãs clássicas” para suavizar a sua mensagem, mas antes, deve com perspicácia “contextualizá-las” para que se tornem atrativas, “os comunicadores cristãos de hoje precisam penetrar, desafiar e recontar as histórias da cultura por meio do evangelho”, sempre lembrando que somente a graça capacita a Igreja a realizar uma contextualização humilde e relevante.

“A igreja missional confirmará” (KELLER, 2014, p.322) que todos os cristãos são missionários em todas as áreas da vida, o autor destaca a importância de relembrarmos constantemente que somos justificados pela graça e não por meio das obras que realizamos, ele recomenda que abandonemos essa concepção de recompensa, de premiação que resulta em uma “visão hierárquica de que o ministério é apenas para os consagrados e para os que se afastaram do mundo”. A igreja deve capacitar seus membros para três coisas: 1) Para serem “testemunho do evangelho por meio de palavras, em seus relacionamentos”; 2) “Para amar” o próximo e praticarem a justiça ao redor, não somente para os da fé, mas especialmente para os de fora; 3) “Integrar fé e trabalho”, assim se relacionando com a “cultura por meio de suas profissões”.

Deverá se enxergar como uma “comunidade que serve - uma contracultura para o bem comum” (KELLER, 2014, p.323).

A igreja não pode mais ser uma associação ou um clube, mas é uma sociedade humana alternativa e “densa” em que os relacionamentos são fortes e profundos - e nos quais o sexo, família, riqueza e posses, identidade racial e poder são todos usados e praticados de maneira pura e diferenciada. Ainda assim, embora a igreja cristã tenha de ser diferente, precisa estar inserida em suas redondezas e não separada delas. Os vizinhos tem de ver a igreja como sociedade que serve e que de modo sacrificial dedica seu tempo e finanças para o bem comum da cidade. (KELLER, 2014, p.323)

“A igreja missional tem de ser, de certa forma, porosa” (KELLER, 2014, p.324), isto significa que ela deve ansiar que não cristãos, pessoas em “busca de espiritualidade” (KELLER, 2014, p.324) participem de suas atividades, tais como culto, grupo pequeno e nos serviços que presta à comunidade.

A igreja missional sabe receber os indecisos e graciosamente os inclui, sempre que possível, na comunidade, para que vejam o evangelho de forma mais vívida e processem sua mensagem por meio de muitos relacionamentos pessoais. Isso somente acontecerá se todos os ingredientes anteriores estiverem em seu devido lugar e se os cristãos dentro da igreja estiverem “contextualizados” - isto é, culturalmente parecidos, mas espiritualmente diferentes dos vizinhos e da cultura. A igreja missional, portanto, não depende de programas evangelísticos nem de um departamento de evangelização para alcançar as pessoas ao redor. Quase todos os aspectos da vida da igreja têm de estar prontos a responder à presença de visitantes que ainda não creem. Keller (Pg 323)

“Deve exercitar a unidade cristã, tanto quanto possível, em âmbito local” (KELLER, 2014, p.324), ou seja, precisa praticar a união, o mundo “deve ver igrejas que fogem das divisões desnecessárias” (KELLER, 2014, p.324).

Nancy Pearcey (2006, n.p.) está alinhada com Keller sobre o impacto que um bom testemunho de união e amor inspirado na igreja primitiva pode produzir hoje.

Nos dias da igreja primitiva, o fato que mais impressionava as pessoas do império romano era a comunidade de amor que a Igreja testemunhava entre os crentes. “Vejam como eles amam uns aos outros”, dizia-se. Em todos os tempos, a prova mais convincente a favor do evangelho não são palavras ou argumentos, mas a demonstração viva do caráter de Deus pelo amor dos cristãos uns pelos outros, expresso em palavras e ações. O evangelho não foi feito para ser “uma mensagem sem expressão

corporal", escreve Newbiggin. Foi feito para ser vivenciado em "uma congregação de homens e mulheres que crêem e vivem pelo evangelho", que mostram em suas relações a beleza do caráter de Deus. (NEWBIGGIN *apud* PEARCEY, 2006, n.p.)³⁵

A igreja missional do século 21 também deve se engajar no cuidado com o planeta, lembremos que essa foi a primeira grande missão dada por Deus ao homem em seu Mandato cultural. Quando Deus colocou Adão no jardim ordenou que ele cuidasse da criação.

Esta é uma das principais pautas da atual geração. Christopher J. H. Wright (2012, p.324) em seu livro "A Missão do Povo de Deus", dedica todo um capítulo sobre como "o cuidado com a criação de Deus é essencialmente uma forma de amor altruísta, exercido por amor às criaturas que não podem nos agradecer ou nos retribuir".

Wright (2012, p.322) nos lembra que a lista de destruição ambiental é desanimadora e extensa, passando por poluição generalizada, destruição de florestas, extinção de animais, aquecimento global, dentre outros. O autor ressalta o fato de que Deus não busca salvar apenas os seres humanos, mas sua redenção se estende a toda criação, sem exceção.

Cristo, por meio de seu sacrifício santo redimiu todas as coisas criadas, conforme vemos: "e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz" (BÍBLIA, Colossenses 1;20) .

Sendo assim, a Igreja do presente século deveria estar na "vanguarda do cuidado para com a criação" (WRIGHT, 2012, p.75) fazendo melhores escolhas de consumo, evitando o "desperdício de energia, reduzindo nossos rastros de carbono, reciclando materiais, prevenindo a poluição e apoiando políticas que protejam o meio ambiente" (WRIGHT, 2012, p.75).

Esse tipo de testemunho é uma excelente forma de se relacionar com a cultura, evidenciando na sociedade o quanto Deus se importa com a criação delegando a sua igreja a tarefa com esse cuidado, e ela por sua, responde a Ele de maneira efetiva e dedicada.

Outra importante observação que Keller (2014, p.439) faz em Igreja Centrada repousa sobre o fato de que a igreja não conseguirá gerar um "movimento do

³⁵ Texto digital, Parte 4, capítulo 13. (e-book)

evangelho sem a obra providencial do Espírito Santo”. Ele discorre sobre “três elos convergentes que o Espírito Santo usa para desenvolver um movimento urbano do evangelho”.

“O primeiro elo é a visão teológica contextualizada” (KELLER, 2014, p.439), nessa perspectiva o evangelho “está contextualizado a cultura da cidade e é eficiente em converter e discipular pessoas. No segundo elo, ele orienta sobre a plantação de igrejas e movimentos de revitalização” (KELLER, 2014, p.440).

Novas igrejas introduzem novas ideias e conquistam pessoas que não tem igreja ou não são convertidas para Cristo a um ritmo geralmente maior do que as igrejas mais velhas. Elas fornecem oxigênio espiritual para as comunidades e redes de cristãos que realizam, durante décadas, o trabalho pesado para alcançar e renovar as cidades. As igrejas novas abrem o caminho mais importante para o discipulado e para a multiplicação de cristãos, e também servem de máquina financeira local para as iniciativas de ministério. (KELLER, 2014, p.440)

No terceiro elo, Keller demonstra a importância da Igreja desenvolver um “conjunto de ministérios especializados, instituições e redes de relacionamentos” (KELLER, 2014, p.440) que atuam na cultura por meio de grupos coletivos de oração pela cidade; com ações evangelísticas direcionadas para grupos específicos (jovens, universitários, homens de negócio, etc); desenvolvendo “ministérios de justiça e misericórdia” (KELLER, 2014, p.441) que promovam mudanças sociais significativas no bairro e na cidade onde estão inseridos, “os cristãos da cidade precisam ser reconhecidos por cuidar do próximo” (KELLER, 2014, p.441).

O autor prossegue e destaca a relevância de se manter “iniciativas que integrem fé e trabalho e relacionamentos que unam os cristãos da cidade toda com outras pessoas da mesma profissão” (KELLER, 2014, p.441); incentiva a criação de entidades que apoiem a “vida familiar da cidade”, como escolas, associações culturais e recreativas; também enfatiza a formação de uma “sistema para atrair, desenvolver e treinar igrejas urbanas e líderes de ministérios” (KELLER, 2014, p.442) além de, promover e exteriorizar uma “unidade incomum” entre os líderes cristãos de comunidades diversas que fazem parte da cidade.

Keller (2014, p.445) encerra sua obra com alguns conselhos práticos, ele enfatiza que a Igreja deve livrar-se da possibilidade de “recriar uma sociedade cristã que se isola da sociedade em um reino espiritual”, ela deve porém, estar

contextualizada sem perverter as doutrinas fundamentais do evangelho, deve garantir que o culto seja “edificante e evangélico, centrado no evangelho e use uma linguagem contemporânea”; deve reconhecer o “papel da injustiça sistêmica” na sociedade deixando claro que o “evangelho da graça ajuda a lidar” com essa questão, recomenda que ela reconheça a importância e valorize o trabalho secular, orientando seus membros a serem sal e luz onde estão, vivendo suas vidas a partir de uma cosmovisão genuinamente cristã e insiste para que ela desenvolva pontos em comum para o “trabalho em conjunto com o não cristão e ainda assim faça críticas proféticas aos ídolos culturais”.

Michael W. Goheen (2014, P.268) cita o exemplo do movimento “TrueCity” (Cidade Real) na cidade de Hamilton nos Estados Unidos, eles assumiram o “compromisso de viver as boas-novas de paz, justiça, misericórdia e reconciliação que temos em Jesus”, e tem experimentado a transformação da cidade. As igrejas que compõem esse movimento, segundo Goheen possuem três características que as acompanham:

[...] Elas adotaram sua identidade missional; igrejas que se veem integral e essencialmente conectadas umas com as outras como parte da missão de Deus; e um número crescente de igrejas que estão comprometidas com o bem público da cidade. Elas têm concentrado o seu trabalho conjunto em seis áreas: envolvimento no bairro, refugiados e recém-chegados, saúde mental, artes, plantação de igrejas e questões ambientais. Esses esforços demonstram uma das maneiras que uma visão missional e ecumênica pôde amalgamar-se à medida que o povo de Deus naquele lugar se comprometeu a buscar e expressar a unidade que compartilha em Cristo. (GOHEEN, 2014, p. 268)

Encerramos esse capítulo lembrando que a igreja enfrentou diversas perseguições ao longo da sua história, as escrituras nos fornece diversos exemplos disso, um destes momentos surge na passagem de 1 Pedro 3;8-16.

Antes de prosseguirmos é importante contextualizarmos o cenário em que esta carta foi escrita. Trata-se de uma carta circular aos irmãos da Ásia Menor, Pedro a escreve com o propósito de encorajar os cristãos daquela região a permanecerem fiéis à ordenança bíblica e estarem alegres diante dos desafios apresentados, das perseguições e opressões que estavam sofrendo por parte de Roma, potência econômica e governo totalitário dominante na cultura da época.

Essa carta continua tendo aplicação em nossos dias, uma vez que a igreja, talvez como nunca antes na história, esteja inserida em um ambiente cada vez mais hostil e secularizado que persevera em desafiar sua efetividade na história da humanidade.

Por fim, tenham todos o mesmo modo de pensar. Sejam cheios de compaixão uns pelos outros. Amem uns aos outros como irmãos. Mostrem misericórdia e humildade. Não retribuam mal por mal, nem insulto com insulto. Ao contrário, retribuam com uma bênção. Foi para isso que vocês foram chamados, e a bênção lhes será concedida. Pois, "Se quiser desfrutar a vida e ver muitos dias felizes, refreie a língua de falar maldades e os lábios de dizerem mentiras. Afaste-se do mal e faça o bem; busque a paz e esforce-se para mantê-la. Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e seus ouvidos, abertos para suas orações. O Senhor, porém, volta o rosto contra os que praticam o mal". Quem é que desejará lhes fazer mal se vocês se dedicarem a fazer o bem? Mas, ainda que sofram por fazer o que é certo, vocês serão abençoados. Portanto, não se preocupem e não tenham medo de ameaças. Em vez disso, consagrem a Cristo como o Senhor de sua vida. E, se alguém lhes perguntar a respeito de sua esperança, estejam sempre preparados para explicá-la. Façam-no, porém, de modo amável e respeitoso. Mantenham sempre a consciência limpa. Então, se as pessoas falarem mal de vocês, ficarão envergonhadas ao ver como vocês vivem corretamente em Cristo. (BÍBLIA, I Pedro 1;8-16, 2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o século 21, costumava-se afirmar que a sociedade ocidental era prioritariamente cristã, haviam expressões de outras religiões, mas a menos que os indivíduos fossem judeus, muçulmanos ou de alguma outra religião específica, assumia-se que todos eram, mesmo que não praticantes, cristãos.

Haviam cristãos ocupando relevantes posições na política, na arte, na mídia, na ciência, porém, na modernidade esse cenário começa a mudar e se consolida em definitivo no século 21; neste novo contexto qualquer pessoa atuante na esfera pública que se declare cristão está sob o risco de se tornar alvo de perseguição, de críticas, ser automaticamente considerado intolerante, prosélito e por vezes, será desprezado.

Em razão disto, os cristãos ocidentais do século vigente têm sido desafiados a mudarem a forma com a quais se relacionam com a cultura, se faz urgente a adoção de uma nova abordagem, uma linguagem contemporânea que faça sentido para quem busca alcançar.

Por vezes a Igreja tem evangelizado para garantir diante de Deus e dos homens que tem cumprido sua missão, ou ainda para se sentir bem com ela mesma, mas para que isso aconteça de maneira genuína esse envolvimento com a cultura precisa ser relacional. É preciso romper com a falsa ideia de que estamos “protegidos” do mundo quando nos isolamos em nossas comunidades, precisamos reconhecer que essa atitude nos aliena com relação à cultura. Não fomos chamados por Deus para vivermos uma vida individualista centrada em nós mesmos. Esse comportamento esta alinhado com o “espírito” humanista da presente era e não com o evangelho de Cristo.

Jesus não pediu ao Pai que tirasse a sua igreja do mundo, ele a chamou para ser testemunha dEle, espelhando na sociedade e na cultura as benesses de uma vida onde Ele é o centro.

A igreja de Cristo deve ser reconhecida pela prática do amor gratuito entre seus membros e com os de fora, sua expressão jamais deverá ser permeada por expressões de ódio, divisões, polarizações, facções ou ainda, sujeita a qualquer tipo de ideologia que sequestram sua essencialidade.

Como vimos ao longo de toda essa pesquisa, a igreja é chamada para estabelecer pontes com os não cristãos, servi-los de maneira generosa e genuína, se importando de fato com as suas questões, seus medos, seus sonhos e expectativas quanto ao futuro.

O trabalho dos cristãos como servos do Deus Vivo não é só “salvar” pessoas, mas amá-las, é espalhar as boas novas do evangelho, inspirados e impulsionados pelo poder do Espírito Santo, no exercício do pleno equilíbrio entre fidelidade (essência) e relevância, com a plena consciência que quem promove arrependimento e redenção do perdido é somente a cruz de Cristo.

Contextualizar e ser relevante não é sobre ter uma boa estratégia de conversão, é sobre amar de fato as pessoas. É estar disponível para caminhar com o pecador, dividindo as cargas e sendo consolo no dia do sofrimento

A sociedade secular brasileira está enferma, agonizante, desesperada por algo que lhe traga sentido, segundo dados do governo federal, em 2019 houve um aumento de 43% no número anual de mortes por suicídio no Brasil. O número de suicídios entre jovens de 15 a 29 anos já é a segunda maior causa de morte no mundo segundo a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde).

A conexão emocional entre as pessoas é cada vez menor, elas tem depositado suas esperanças no consumo desenfreado e na artificialidade das mídias sociais que ditam padrões de perfeição inalcançáveis, uma vida milimetricamente pensada, superficial, composta por relacionamentos sexuais utilitarista que culminam na objetificação do outro e de si mesmo. Possuem milhares de seguidores, centenas de “likes”, mas no final do dia estão sozinhos, lidando com seus próprios pensamentos, suas frustrações, desejando alguma coisa que lhes dê significado.

Este é o quadro sociocultural em que estamos inseridos, por isso, precisamos assumir nossa responsabilidade e manter um relacionamento saudável com a cultura, uma vez que fomos alcançados pelo amor de Deus precisamos confessar nossa fé não apenas com palavras, mas principalmente com nossos atos, sendo luz em meio às trevas, ordem em meio ao caos. Participantes da Sua Missão.

Que Deus nos ajude a sermos filhos obedientes, com uma prática cristã notável, que serve e ama a Deus apesar das perseguições e das circunstâncias desta vida. Que possamos fazer a diferença nesse mundo, buscando

constantemente conhecer e praticar a Sua palavra, colaborando para que outros também compreendam o evangelho de Cristo de maneira integral.

O Evangelho é poder de Deus em qualquer lugar, e vemos Deus se mover quando o verdadeiro e singular Evangelho é proclamado. Jesus é o Evangelho que gera vida, ilumina e empodera a igreja.

Você pode realizar esse ministério com a ajuda de Deus - então se esforce ao máximo. Você não pode realizar esse ministério sem a ajuda de Deus - então fique em paz. Jesus juntou essas duas verdades em um versículo registrado no evangelho de João: “Eu sou a videira; vós sois os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”. (KELLER, 2014, p. 449)

BIBLIOGRAFIA

ABU EDITORA S/C E VISÃO MUNDIAL. *O Evangelho e a Cultura: Série Lausanne*. São Paulo, 1983.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora. 1ª ed. São Paulo: Mundo cristão, 2016.

BOLETIM Epidemiológico. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/setembro/20/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf>. Acesso em 29 nov. 2021.

CARSON, D.A. *Cristo e Cultura: Uma releitura*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

GOHEEN, Michael W. *A Igreja missional na Bíblia: Luz para as Nações*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW, Craig G. *Introdução à cosmovisão cristã: Vivendo na intersecção bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HIEBERT, Paul G. *Transformando Cosmovisões: Uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. *Deus na Era Secular: Como céticos podem encontrar sentido no cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, Timothy. *Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PEARCEY, Nancey. *Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: Casa Publicadoras das Assembléias de Deus, 2006. E-book

SUICÍDIO. Disponível em <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>>. Acesso em 02 dez. 2021.

SCHMAELTER, Matheus Maia. Dualismo. Disponível em <<https://www.infoescola.com/filosofia/dualismo/>>. Acesso em 16 nov. 2021.

VOLF, Miroslav. *Uma fé pública: Como o cristão pode contribuir para o bem comum*. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

WRIGHT, Christopher J.H. *A missão do povo de Deus: Uma teologia bíblica da missão da igreja*. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.

WRIGHT, Christopher J.H. *A Missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2014.